

## SEXUALIDADE NA ESCOLA: VISIBILIDADE E METODOLOGIA

CAMILA BARBOZA CASTRO<sup>1</sup>; LOURDES MARIA BRAGAGNOLO FRISON<sup>2</sup>

<sup>1</sup>UFPEL – [castrobcamila@gmail.com](mailto:castrobcamila@gmail.com)

<sup>2</sup>UFPEL – [frisonlourdes@gmail.com](mailto:frisonlourdes@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A sexualidade e a diversidade são temas que vem ganhando cada vez mais espaço e destaque nas mídias e na sociedade como todo. Mesmo que ainda seja um grande tabu para a maioria das pessoas, esses temas estão surgindo em debates, seminários e rodas de conversa. Dentro dessa sociedade cheia de tabus, podemos nos referir com ênfase à comunidade escolar. Nela há uma diversidade grande de raças, classes, sexualidades e gêneros, e é um ambiente onde é possível constatar um apanhado grande de casos de bullying, preconceito, discriminação e agressões em virtude destes. Isso nos leva a questionar: como é possível pensar na escola como formadora de caráter, de seres humanos cidadãos, crianças, jovens e futuros adultos enquanto todos os dias lemos notícias de casos absurdos de violência moral e física dentro da própria instituição? Nesta via de pensamento, torna-se quase impraticável uma educação de qualidade em um ambiente tão hostil e, muitas vezes violento, seja verbalmente, moralmente ou fisicamente.

O tema Educação Sexual tem sido tanto debatido e considerado um assunto bem polêmico. As abordagens sobre essas questões sexuais ainda são vistas como algo nada sadio por muitos, justificando que esse tópico estimularia precocemente a sexualidade da criança e do adolescente. Para outros, a discussão de forma orientada desses temas é relevante pois proporciona conhecimento da vida sexual mais especialmente para os jovens. Para reforçar essa reflexão, Camargo e Ribeiro (2003, p.39) destacam estudos científicos de vários países que provaram, através de grupos controle em suas pesquisas, que "alunos que participaram de programas de Educação Sexual nas escolas não foram estimulados a atividade sexual nem anteciparam o primeiro contato".

Nessa perspectiva, surgem questionamentos em torno do papel do professor(a) dentro de um ambiente escolar com todo este processo. Ele deve interferir ao ouvir um insulto? Ele deve ajudar os alunos a refletirem sobre essa problemática? Deve falar sobre respeito às diferenças e preconceito? Deve tocar no assunto sexualidade dentro da escola?

Andrade (2010, p.16) coloca em seu trabalho que mesmo tendo as melhores intenções a favor de incluir diversidades, "quando não se analisam pressupostos cognitivos e afetivos provenientes de preconceitos, a probabilidade é de que se reproduza práticas excludentes, ferindo princípios de abertura ao novo e da liberdade, que são guias da inclusão em escola pública, democrática e plural". Complementando este raciocínio, todo preconceito em seu campo mais amplo "impede a autonomia do [ser humano], ou seja, diminui sua liberdade relativa diante do ato de escolha, ao deformar e, conseqüentemente, estreitar a margem real de alternativa do indivíduo" (HELLER, 1992 apud JUNQUEIRA, 2009).

O professor não pode ser omissos perante essa problemática, os efeitos disso podem ser muito marcantes e prejudiciais a alunos. Segundo (BECKER, 2005, p. 31), "os professores/as costumam dirigir-se a seus grupos de estudantes como se jamais houvesse ali um gay, uma lésbica, um/a bissexual ou alguém que esteja se interrogando acerca de sua identidade sexual de gênero". O autor ainda

pontua que "(...)A presunção de heterossexualidade enseja o silenciamento e a invisibilidade das pessoas homossexuais e, ao mesmo tempo, dificulta enormemente a expressão e reconhecimento das homossexualidades como maneiras legítimas de se viver e se expressar afetiva e sexualmente".

A partir da construção de ideias a respeito dessa temática inclusa no ambiente escolar, refletindo em relação aos pressupostos sobre preconceito, gênero, sexualidade, ensino e papel do professor na sala de aula a acerca desta problemática, seguimos com o objetivo de explorar e entender melhor o que os próprios profissionais pensam e como atuam a respeito. Assim, exploramos a visão de seis professores que lecionam ou já lecionaram na rede de ensino básico.

## **2. METODOLOGIA**

Para obter um mínimo de comprovação da fundamentação teórica e demais considerações feitas anteriormente, nos preocupamos em conhecer a prática e o pensamento de professores a respeito do tema. Para atingirmos tais objetivos, aplicamos um questionário praticamente qualitativo, com 12 questões abertas e fechadas para seis professores do Ensino Fundamental e Médio. Estes manifestaram interesse em fazer parte da pesquisa através de uma postagem em rede social e tiveram a garantia que sua identidade fosse preservada.

Os questionários não tiveram prazo limite para preenchimento, as professoras foram livres para enviá-los respondidos assim que tivessem disponibilidade. Foram recolhidos aproximadamente na metade do segundo semestre letivo de 2016, entre outubro de 2016 e janeiro de 2017. Após os questionários respondidos serem recolhidos, os mesmos foram analisados e deles emergiram os resultados apresentados a seguir.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Inicialmente é importante inteirar-se sobre as características desses professores voluntários, atuantes na área de Linguagens e Ciências Humanas em escolas públicas. Coincidentemente foram todas mulheres que responderam o questionário, professoras Com idades entre 30 e 45 anos, com tempo de atuação entre 4 e 23 anos. Nas primeiras questões, perguntamos sobre a abordagem do tema na escola e, mesmo que todas tenham respondido que trabalham o tema em sala de aula, há reconhecimento da invisibilidade/diminuição do tema ou desconhecimento da situação. De forma que a escola realiza alguns eventos e palestras, mas não é um tema abordado de forma geral e sim de forma eventual, como destacou uma das professoras: "muitas vezes, situações acabam criando a oportunidade (ou melhor, forçando a oportunidade) de abordar o tema" (Prof. 4).

Perguntamos também como elas abordam o tema em sala e se buscam teorias para fazer essa abordagem. Duas disseram que na própria formação em Educação ou Ciências Sociais estão inclusas essas discussões (feminismo, estereótipos, sociedade patriarcal, questões de gênero, outros) e ainda reiteraram que o tema gênero e sexualidade faz parte do programa da disciplina de Sociologia em escolas de ensino médio integrado. Para aproximar o tema na sala de aula elas costumam ler matérias sobre variados assuntos, levam textos, vídeos, músicas, notícias e propagandas que abordem o tema de alguma maneira e assim instigam os alunos a debaterem e refletirem. Por outro lado, a professora do Ensino Técnico disse que não houve a necessidade da abordagem do tema.

A pergunta seguinte se referia à projetos existentes ou inexistentes na escola, a forma como são desenvolvidos e quais profissionais se envolvem nessa atividade. As respostas foram bem divididas, uma relatou que desconhece, duas

relataram que não existem trabalhos na escola mas sim ações isoladas de professores ou atuações do grêmio estudantil, outra contou que não existia nada até pouco tempo, quando uma professora assumiu um grupo de estudos que proporciona, na medida do possível, rodas de conversa e painéis. Já outras duas afirmaram que existem projetos de extensão ou núcleo de estudos que abordam o tema, onde são envolvidos servidores, alunos, administrativos e professores de várias áreas. É possível perceber que há um desconhecimento e certa falta de comunicação e integração das áreas de conhecimento nas escolas, o que facilita a inexistência de debate e consequentemente da troca de interesses em torno do tema, impossibilitando muitas vezes a sua abordagem. Ainda que a maioria concorde sobre o papel ativo da escola e do professor em relação a abordagem do assunto, elas relataram que não sabem se é trabalhado em outras disciplinas ou de que forma isso acontece e ainda contaram que “alguns professores (colegas) fazem de conta que o assunto não é relevante..”(Prof. 1).

Ao serem questionadas em relação ao bullying, violência, discriminação e preconceito entre os alunos, no que tange a questão da sexualidade, a resposta foi unânime, responderam que interferem e aproveitam o momento para falar sobre o assunto. Uma das professoras relatou que “apesar de não fazer parte do escopo da minha disciplina, o momento do ‘ato’ além de ser contido deve ser utilizado como um momento de reflexão, conscientização pelo docente em sala de aula. Creio que um debate franco amplia o olhar sobre o tema” (Prof. 2).

A outra pergunta teve por objetivo saber se elas acham que a discriminação que ocorre na escola e na sala de aula pode prejudicar o desempenho escolar e o desenvolvimento social do aluno. Todas responderam que sim, e algumas afirmaram ter certeza que a discriminação prejudica no desempenho do aluno. Além disso, perguntamos o porquê de suas respostas e, em palavras diferentes, todas as professoras disseram que a violência acaba afetando a convivência, as relações sociais, a vontade do aluno de querer estar naquele ambiente discriminatório, podendo afetar seu rendimento escolar. Deste modo, uma das professoras respondeu que esse ato discriminatório pode abalar psicologicamente o aluno, fazendo com que problemas físicos e emocionais se tornem um problema grave, como no caso a baixa autoestima e a depressão. Assim sendo, Seffner (2011, p.571) consolida que existe uma vinculação clara entre o respeito à diferença sexual e de gênero e a qualidade das aprendizagens escolares. “Políticas de equidade promovem um ambiente escolar mais sadio para todos e todas, diminuindo preconceitos e situações de baixa autoestima que potencialmente podem afetar qualquer aluno, pois todos nós temos atributos pessoais que podem nos tornar alvo de estigma, gerando tensão social, que diminui as chances de rendimento escolar”.

Ao final do questionário, perguntamos se já houve fatos de violência ou preconceito na escola em relação à diferença da sexualidade de alunos. Uma entrevistada respondeu que não sabe se há violência ou preconceito na escola, já as outras responderam que sim, citando fatos ocorridos. Ao serem questionadas se o assunto fosse mais debatido no âmbito escolar e de que forma poderia ser executada essa idéia, as respostas foram diversas, mas tenderam para um mesmo rumo. No qual uma formação adequada para professores ajudaria para debater o assunto. O descaso da escola diante ao tópico em questão, também foi pontuado por uma das professoras, porque sem o auxílio da escola, o debate sobre o tema acaba ficando sem “voz”.

Por fim, perguntamos sobre a escola estar preparada para tratar o tema “sexualidade” de uma maneira educativa. As respostas foram todas negativas

podendo deixar claro que há falta de recursos pedagógicos e estrutura nas escolas aonde lecionam, além de pré-conceitos e falta de formação sobre o assunto.

#### 4. CONCLUSÕES

Os resultados desta pesquisa reafirmam perante as fundamentações teóricas a importância do debate do tema “sexualidade” na escola. Os professores, ou uma parcela deles, tentam se aproximar do tema mesmo que não sejam unânimes dentro da escola, como os depoimentos relataram a falta de interesse dos colegas de profissão. A exemplo das profissionais pesquisadas, as quais consideram importante e, fazem a abordagem sobre o tema de alguma maneira na escola, mesmo com todos obstáculos presentes. É importante que se estabeleçam princípios gerais de trabalho dentro da escola, tendo o professor uma mínima formação no assunto, estando preparado para abordá-lo em sala de aula (SEFFNER, 2011). Portanto, reiteramos o papel e dever da escola de além de formar indivíduos com caráter igualitário, que respeitem as diferenças.

Segundo Seffner (2011) a escola tem duas grandes missões: a alfabetização científica e a socialização dos escolares, onde suas políticas não devem ser para minorias, e sim para todos. É preciso evoluir das práticas de boas intenções, de pena e de “cuidado/proteção às vítimas” para as práticas baseadas nos princípios de igualdade de gênero, que enfrentem os processos histórico sociais que geram e reproduzem as “normas de gênero”, as construções corporais, enaltecendo uns e excluindo outros.

Perante os pontos explorados neste trabalho, a resposta para as perguntas feitas encaminham que o professor é sim um agente transformador. Cabe a ele contribuir no aprendizado dos estudante, intervindo e sabendo lidar com o tema, explorando aspectos acerca da sexualidade, do preconceito, provocando o aluno para que compreenda a liberdade de ser do outro e a sua própria liberdade. E desta maneira, que ele possa manter a escola como um espaço de liberdade individual relativa e democrático.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- SEFFNER, F. Um bocado de sexo, pouco giz, quase nada de apagador e muitas provas: Cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.19(2), n.336, p. 561-588, 2011.
- ANDRADE, F. C. B. “Se a escola não desse uma ajuda...”: Homo/transfobia na Escola Pública. In: MACHADO, C.J.S., SANTIAGO, I.M.F.L., NUNES, M.L.S. (Org.). **Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares**. Campina Grande: EDUEPB, 2010. p. 49-64.
- JUNQUEIRA, R.D. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.
- GROSSI, M.P.; BECKER, S.; LOSSO, J.C.M.; PORTO, R.M.; MÜLLER, R.C.F. (Org.). **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- CAMARGO, A.M.F.; RIBEIRO, C. **Sexualidade(s) e infância(s): a sexualidade como um tema transversal**. Coord. De Ulisses F. Araújo. São Paulo: Editora Moderna, 2003.